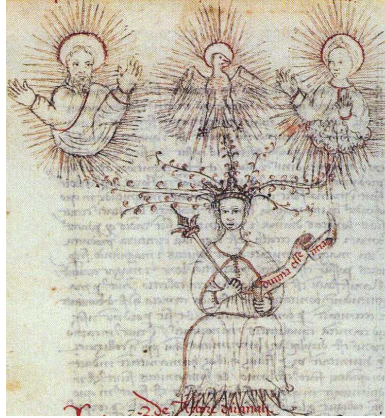


**Paraíso versus Inferno: a Visão de Tundalo e a Viagem Medieval em
Busca da Salvação da Alma (séc. XII)**
**Heaven versus Hell: The vision Tnugdál and the voyage of the soul in
search of salvation (12th century)**
**Paradies versus Hölle: Tnugdals Vision und die Reise der Seele auf der
Suche nach dem Heil (12 Jh.)**



Adriana Zierer¹

Resumo: A salvação na Idade Média estava ligada à idéia de viagem. O homem medieval se via como um viajante (*homo viator*), um caminhante entre dois mundos: a terra efêmera, lugar das tentações e o Paraíso, Reino de Deus e dos seres celestiais. Se o homem conseguisse manter o corpo puro conseguiria a salvação. Se falhasse, sua alma seria condenada, com castigos eternos no Inferno ou provisórios no Purgatório. Era um paradoxo da Idade Média que a alma pudesse ser salva somente pelo corpo, devido à esse sentimento de culpa, proveniente do Pecado Original. Caso o maculasse, sua alma sofreria a danação com castigos eternos no Inferno ou provisórios no Purgatório. Devido a este sentimento de culpa a população buscava a salvação através de uma viagem, como, por exemplo, as peregrinações para atingir a Terra Santa (Jerusalém). Estes deslocamentos eram inseguros (estradas ruins, ameaças de assalto e de doenças) e vistos como uma forma de salvação, na medida em que o peregrino nunca sabia com certeza se iria voltar ou não. Ele desejava sentir em seu corpo o que Cristo e os outros mártires haviam sofrido. Outro meio de salvação era o isolamento do resto da sociedade em busca de uma vida dedicada a Deus, como é o caso de eremitas e monges. Devido ao seu desprezo pelos prazeres terrenos e suas vidas consagradas às orações e jejuns a Deus, eram considerados os mais puros da sociedade terrestre. Os monges beneditinos escreveram Visões com o objetivo de apresentar os castigos e os deleites das almas no Além. Sua intenção era mostrar aos fiéis as normas de comportamento adequado para se atingir a Salvação. Os exempla, como a Visão de Tundalo, mostram os tipos de castigo com base nos sete pecados capitais e as ações para se atingir o Paraíso: dar esmolas, freqüentar missas, dar bens à Igreja e evitar a luxúria. Um elemento comum das visões é a ênfase nas sensações dos órgãos dos sentidos. Por exemplo, fedor no Inferno e perfume no Paraíso. Torturas são explicitadas através de escuridão, gritos e dores, em oposição à claridade, cantos e alegria. Na iconografia, com *Os Sete Pecados Capitais*, de Bosch e *O Juízo Final*, de Fra Angelico, a estrutura das visões se confirma. Os topos do Além, no caso do Paraíso, se caracterizam por uma paisagem edênica representada por jardins, cânticos, fontes, anjos e árvores frondosas. Já no Inferno,

¹ UFMA.

a geografia pressupõe alguns obstáculos, como caminhos com pontes estreitas, rios ferventes, montanhas, lagos de gelo e monstros. Assim, o indivíduo na Idade Média queria a salvação mais pelo medo do Inferno que pelas glórias do Paraíso, e a alma humana se debatia entre o desejo pelos prazeres e o pavor do abismo infernal.

Abstract: The Salvation in Middle Ages was connected to the idea of voyage. The medieval man saw himself as a voyager (*homo viator*), a walker between two worlds: the ephemeral earth, place of tentations and the Heaven, the kingdom of God and of celestial beings. If the individual succeeded in maintain his body pure, he would obtain the salvation, but if he failed his soul would be condemned with eternal chastiments in Hell or provisorial in the Purgatory. It was a medieval paradox the fact that the soul could only be saved by the body. Because this sentiment of guilt, broght by the Original Sin, the population usually searched for salvation by means of a voyage, for example the peregrinations to achieve the Saint Earth (Jerusalem). These displacements were insecure (bad trails, menace of robbery and of diseases) and seen as a form of salvation since the pilgrim never knew for sure if he would come back or not. He wanted to experience in his flesh what Christ and other martyrs had suffered. Another means of salvation was the isolation from the rest of society in search of a life connected to God, such as the hermits and monks did. Because of their despite for terrestrial pleasures and their lives consacrated in prayers and fastings to God, they were considered the purest in terrestrial society. The benedictine monks dedicated themselves to write Visions with the purpose of presenting the chastiments and pleasures of the souls in beyond. Their intention was to show to the people the correct rules of behavior to obtain the salvation. The exempla, such as the Vision of Tundalo, present the types of chastiments based on the seven capital sins, and the actions that should be performed to reach the Paradise: to give alms, to go to mass, to give riches to the Church and to avoid lust. Un common element from the Visions is the emphasis in the sensations of the five senses. For example, stink in Hell and perfume in Heaven. Tortures are explained by the use of darkness, screams and sorrows, in opposition to clarity, singing and happiness. In Iconography, with the Seven Deadly Sins, by Bosch, and The Final Judgment, by Fra Angelico, the structure of the Visions is confirmed. The topos of the beyond, in the case of the Heaven, are characterized by an edenic landscape represented by gardens, chants, fountains, angels and leafy trees. Once in Hell, the geography presuppose some obstacles such as ways with narrow brigdes, boiling rivers, mountains, lakes of ice and monsters. Thus, the individual in Middle Ages wanted the salvation more for the fear of Hell than from the glories of the Heaven, and the human soul debated herself between the desire for the pleasures and the dread of the infernal abyss.

Palavras-chave: Túndalo - Paraíso - Inferno - Sete Pecados Capitais.

Keywords: Tnugdál – Heaven – Hell – Seven deadly sins.

“A vida aqui em baixo é um combate, um combate pela salvação, por uma vida eterna; o mundo é um campo de batalha onde o homem se bate contra o Diabo, quer dizer, em realidade, contra si mesmo. Pois, herdeiro do Pecado Original, o homem está destinado a se deixar tentar a cometer o mal e a se danar. [...] A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois ele arrisca a salvação a cada minuto da sua existência.” (LE GOFF & SCHMITT, 2002, I: 22)

O conceito de *salvação* na Idade Média era vinculado à idéia de viagem. Imprensado entre dois mundos, o da carne pecadora e o da alma, entre o mundo terrestre efêmero e a eternidade do mundo celeste, o homem medieval se via como um viajante (*homo viator*), um caminhante entre dois mundos. Deste modo, a terra era entendida essencialmente como um lugar de passagem (BRAET & VERBEKE, 1996: 211). O alto, representado pelo Céu, era associado a Deus e ao macrocosmos, local onde habitavam o Criador e os Anjos. Já o microcosmo, identificado com a natureza, era a sede das criaturas de Deus, lugar das tentações (GUREVITCH, 1990: 76-77). Assim como o homem era a cópia imperfeita de Deus, a terra era uma corrupção do mundo celeste, possuindo com este uma analogia (COSTA, 2002).

A morte também era considerada uma viagem da Alma. Em outras culturas a idéia de *viagem* também fora valorizada entre os heróis mitológicos gregos e suas travessias marítimas em busca de aventuras, como Ulisses ou Jasão. A morte do Deus egípcio Osíris na água também ligava-se à idéia de renascimento (LURKER, 1997: 6). *Topos* como as ilhas e a água tiveram significados importantes em várias culturas, representando muitas vezes o contato entre vivos e mortos, mundo dos deuses e dos humanos, como entre as populações célticas para quem as ilhas são o local por excelência dos deuses, o *Síd*.

Para o medievo o mundo era um espaço a ser temido já que o sobrenatural, povoado por entes maléficos, estava escondido nas coisas cotidianas. A noite, a floresta, eram repletas de mistério e motivo de temor por esconderem o desconhecido, oculto e diabólico, no qual o corpo e a alma seriam postos à prova (GUREVITCH, 1990: 130), pois, no paradoxo medieval, o corpo era corruptível, mas através dele a alma seria salva. Se o homem conseguisse manter o corpo puro conseguiria a salvação (LE GOFF, 1994: 145-146). Caso o maculasse, sua alma sofreria a danação com castigos eternos no Inferno ou provisórios no Purgatório. De qualquer forma, o castigo seria sentido pela alma de uma forma quase corpórea e era caracterizado por torturas no fogo e no frio (LE GOFF, 1993).

Nos primeiros séculos do cristianismo, o rumo do deslocamento era para o deserto, um afastamento dos demais humanos em busca da pureza. Vários

ascetas do período, homens e mulheres, escavaram celas na areia e lá tentaram conter seus impulsos carnis para obter a salvação (BROWN, 1990: 186-187). As virgens, como Santa Macrina, irmã dos santos Gregório de Nissa e Basílio de Cesaréia, também tiveram papel importante ao congregar mulheres e viver uma vida comunitária, como conta Gregório em sua Vida de Macrina. O ascetismo das virgens na Capadócia do século IV influenciou as regras monásticas criadas mais tarde, como a de São Bento (COSTA E ZIERER, 2001: 355-370). Portanto, durante a Alta Idade Média, a busca pela salvação realizava-se principalmente através do eremitismo e do monacato.

O eremitismo surgiu ligado a um afastamento inicialmente em direção ao deserto, como, por exemplo, nos mostra a vida do egípcio Santo Antão (251-356). O deserto era visto como o lugar da ambigüidade, entre o bem e o mal. No Antigo Testamento, Jesus vai para o deserto, sofre provações e assume a sua missão. Já os monges irlandeses, como São Brandão, iam procurar o deserto no mar (LE GOFF, 1994: 88). Os eremitas também buscaram a solidão na floresta, que nos romances de cavalaria está ligada ao mistério, à busca interior e também às tentações (LE GOFF, 1994: 96-98).

No caso de *A Viagem de São Brandão*, por exemplo, os eremitas ocupam lugar de destaque na narrativa. O religioso decide partir para o Paraíso Terreal através das orientações de um ermitão chamado Barinto (BENEDEIT, 1995: 5-6). Mais tarde, no final da jornada, Barinto encontra um outro ermitão, Paulo, a quem Deus proporcionara uma fonte que o alimentava com todos os manjares que desejava, indicando sua alta pureza. Este indivíduo avisa a Brandão sobre a proximidade do Paraíso Terreal (BENEDEIT, 1995: 53). Em *A Demanda do Santo Graal* eram os eremitas os únicos capazes de interpretar os sonhos dos cavaleiros (TODOROV, 1976: 170).

Uma outra forma de eremitismo era a vida cenobítica (do grego *koinon*, comum). Nela os monges partilhavam um regime de vida comum. O mais antigo modelo de vida cenobítica foi organizado por São Pacômio (293-346), que estabeleceu uma comunidade de homens e mulheres em Tebas, no Egito, em 320. A regra monástica mais difundida e que foi gradualmente adotada no Ocidente foi a de São Bento de Núrsia (480-550). O abade dirigia o mosteiro, que se baseava nas virtudes da obediência, pobreza e humildade, sendo o dia do monge dividido em orações, trabalho manual e leitura espiritual. A partir do século IX, sua Regra foi considerada a regra por excelência para a observância monástica no Ocidente, graças à ação de Carlos Magno e Luís, o Piedoso. Com a fundação de Cluny no século X, o monasticismo beneditino atingiu o seu apogeu (LOYN, 1989: 260).

O monasticismo céltico, distinto do regulado pela Regra de São Bento, espalhou-se rapidamente pela Europa. Tinha um caráter ainda mais comunitário, com um sentido extremamente ascético e solitário, seguindo o exemplo das ermidas de Santo Antônio do Egito e dos pais do deserto. Por isso, era comum que os monges empreendessem viagens solitárias por locais desconhecidos, tal como a famosa viagem imaginária de São Brandão ao Paraíso Terrestre. A procura pelo isolamento neste período também esteve ligada à insegurança devido às migrações bárbaras em busca de terras e riquezas. Além disso, havia as constantes guerras privadas, caracterizadas pela mutilação dos vencidos - em especial os camponeses produtores das riquezas - e a destruição das plantações como forma de prejudicar os inimigos. A Igreja tentou sem sucesso conter a violência cavaleiresca com a *Paç de Deus* (proibição de ataques aos camponeses, clérigos e mercadores) e a *Trégua de Deus* (proibição de lutas entre quinta à tarde e segunda de manhã) (COSTA: 2002). Por outro lado, após o século XI, com a diminuição das incursões dos germanos na Europa Ocidental, aumentaram as peregrinações em busca da salvação.

Durante todo o período feudal a visita aos locais santos foi vista como um meio eficaz para se obter a salvação. Três foram as principais rotas: Santiago, Jerusalém e Roma. Acreditava-se ser possível encontrar sinais materiais dos santos como pedaços do manto da Virgem, da Cruz de Cristo e outras relíquias. No caso da viagem a Santiago de Compostela, havia até mesmo grupos de peregrinos profissionais contratados para fazer o caminho em lugar de um morto ou enfermo para que este conseguisse alguma graça (SIGUL, 1999: 63-64).

A viagem representava uma aventura rumo ao desconhecido e ao perigo. As estradas eram ruins, a viagem pelo mar insegura, pois com exceção dos escandinavos a maior parte dos medievos dominava mal as técnicas de navegação. Além disso havia o medo dos piratas, e as notícias demoravam um grande período de tempo para serem transmitidas. Além de serem trajetos longos e inseguros, os deslocamentos impunham uma grande prova física e incerteza quanto ao seu sucesso. Havia a ameaça dos salteadores nas estradas e de doenças. Ao deixar sua casa, o peregrino nunca sabia com certeza se iria voltar. Por isso as peregrinações eram vistas como uma forma de salvação, pois o viajante visava sofrer na carne o que Cristo e outros mártires haviam passado ao percorrer os caminhos dos santos (GUREVITCH, 1990: 94-95).

O movimento das Cruzadas que apresentava como principal objetivo a libertação da Terra Santa, mas que também tinha interesses econômicos e

sociais (como a falta de terras para os nobres e a necessidade de novas riquezas), representou um grande movimento peregrinatório, do qual participaram mulheres, crianças, desocupados, marginais, todos buscando uma motivação e também a salvação (VAUCHEZ, 1985: 90-91). A Baixa Idade Média é marcada por esta idéia de movimento. As pessoas, ao contrário do isolamento que marca o período anterior, estavam ansiosas com a possibilidade de sair em busca da salvação. Cresce então a noção do livre arbítrio, de que cada cristão é o responsável pelo seu destino após a morte e que é preciso fazer ações nesta vida para encontrar a recompensa na próxima (GUREVITCH, 1997: 94-97). O mundo é apresentado pela Igreja de forma dualista, cristãos *versus* não-cristãos, bem *versus* mal, Deus *versus* o Diabo. Assim, tanto leigos quanto clérigos saíam em busca da salvação de suas almas. Mesmo hoje, na aurora do século XXI, o deslocamento ainda é visto como uma forma do ser reencontrar-se consigo mesmo e os caminhos da era medieval continuam a ser visitados. Muitas vezes as promessas e os pedidos de graças aos santos na religião católica são pagas através de uma longa trajetória percorrida pelo fiel a pé. Ainda estão ligados na civilização ocidental, conceitos como o de salvação, viagem e sofrimento físico.

No final da Idade Média, mesmo com as Grandes Navegações, acreditava-se que o mar era coalhado de monstros e que o Atlântico era o Mar Tenebroso, onde as embarcações caíam num imenso abismo. O mundo era visto como um todo preenchido sem formas vazias. O ser humano, ao afastar-se de sua terra natal, via-se caindo em dois caminhos, o Paraíso Terrestre, obtido pelas peregrinações, ou no do Inferno, devido às tentações. Assim, as viagens imaginárias medievais podem ser divididas na busca por alguns espaços. Além dos lugares santos, acreditava-se ser possível atingir o Paraíso Terrestre. Este era associado ao Éden e ao Oriente pois na Bíblia são mencionados os quatro rios que o banhavam: o Fison, Gion, Tigre e Eufrates (Gn 2, 8-15). Após a Queda e expulsão dos primeiros humanos do Éden, este teria se afastado para um lugar de grande altura protegido por um muro de fogo (KAPLER, 1994: 34-35). Pensadores medievais como Honório de Autun e Gervásio de Tilbury afirmavam no século XII que além deste muro estava o jardim com a Árvore da Vida e quem dela provasse obteria a juventude eterna (DELUMEAU, 1994: 58-59).

Embora o contato com este *topos* estivesse interdito à maioria dos indivíduos, alguns eleitos, como São Brandão em sua viagem imaginária (A Viagem de São Brandão) poderiam se aproximar dele, dando testemunho das delícias do reino celeste na Terra (ZIERER, 2001: 41-51). O Paraíso Terrestre cristão, portanto, possui elementos edênicos como árvores abundantes, fontes e sua

localização é num jardim guardado por anjos. Muitas vezes está no meio de uma nascente de onde se separam os quatro rios citados no Gênesis.

Diversos autores cristãos localizaram o Paraíso no Oriente e tentaram explicar sua localização. Para Capadócio Filostorgios (†425) o rio Hifase (*Hyphase*), afluente do Indo ou do Ganges, é o rio Fison que aparece no Gênesis. No século VIII, João Damasceno localizou o Paraíso no Oriente, na região mais elevada da terra, apartado por um cume inatingível, situado além de um oceano inacessível aos humanos. Honório de Autun (século XII), seguindo versões anteriores como a de Agostinho, afirmava que o paraíso estava protegido por um muro de fogo que se erguia até o céu. Em sua obra *De Imagine Mundi* também localizava o Paraíso no Oriente, na Ásia. Além do Paraíso Terrestre, existiriam outras regiões desertas, infestadas por feras e serpentes. Segundo este pensador, entre a Índia e o Mar Cáspio viviam os povos de Gog e Magog, ferozes e canibais. A Índia seria um lugar do maravilhoso, habitada por pigmeus, que eram velhos aos oito anos e se reproduziam aos três anos de idade. Além disso, nesta região habitariam outros seres monstruosos como homens sem cabeça com os olhos nos ombros, o nariz e boca no peito, além de cíclopes, seres com um único olho na testa, e ciópodes, que possuíam apenas um pé e nele abrigavam a cabeça contra o calor do sol (GILSON, 1995: 392-393). Lado a lado com a idéia do Paraíso Terrestre no Oriente, havia também a crença em locais habitados por seres monstruosos amplamente difundida nos bestiários medievais.

Com relação às crenças cristãs sobre a vida no Além-túmulo, é importante destacar a predominância por muitos séculos da idéia de um lugar de espera entre a morte e a *Parusia*, a segunda vinda de Cristo, onde os bons mortos dormem ou descasam, o *locus refrigeri* (lugar de refrescamento). Mesmo entre os eleitos havia uma hierarquia com relação à escala de perfeição, muito bem explicitada na obra de Dionísio, o *Aeropagita*, *Da Hierarquia Celeste*, que divide os seres angélicos que deveriam ficar próximos de Deus em tríades ou nove ordens de anjos — Serafins, Querubins, Tronos, Soberanias, Virtudes, Potestades, Principados e Arcanjos, estando os Anjos no último degrau da hierarquia celeste e em contato direto com os bispos (DUBY, 1982: 139).

No *exemplum A Visão de Túndalo*, a hierarquia na salvação é claramente representada através da divisão do Paraíso em três Muros, o de Ouro, o de Prata e o de Pedras preciosas, onde as almas permaneciam de acordo com seus méritos, sendo o Muro de Pedras Preciosas reservado aos mais puros de todos, isto é, às virgens e aos santos. Pois, de acordo com a crença medieval, aqueles que não foram maculados pelo sexo, visto como principal pecado, e que se dedicaram a morrer pela fé cristã, os santos, eram os mais próximos de

Deus. Próximos da noção do Paraíso Terrestre cristão são os países míticos das fadas também caracterizados pela abundância e felicidade e localizados muitas vezes numa ilha, como *A Viagem de Bran*. Relatos acerca dessas *insulae* foram depois cristianizados e absorvidos, por exemplo, em *A Viagem de São Brandão*.

Havia também viagens empreendidas em busca de um Reino Perfeito, como por exemplo o reino do Preste João caracterizado pela justiça, prosperidade, abundância (COSTA, 2001). O reino do Preste João possui elementos edênicos do paraíso terrestre como a presença dos quatro rios divinos em seu reino (Gion, Fison, Tigre e Eufrates), e com uma parte deste inóspita, separando os seres monstruosos e ateus do resto do mundo. Pois desde Santo Agostinho o pensamento medieval via os monstros como parte da criação (PRIORE, 2000: 23-26) e a função do rei perfeito seria afastar estes monstros do resto da Cristandade. Conforme demonstrei, o fato de a salvação estar ligada a um deslocamento espacial fazia com que as pessoas se interessassem vivamente por modelos de conduta que pudessem seguir ou se inspirar para atingir o Céu.

A idéia do espaço no Além é confusa no período medieval, pois havia a tradicional visão cristã do Céu/Inferno, que coexistia com as concepções célticas e germânicas. Neste sentido, é importante ressaltar a interação entre cultura folclórica e cultura eclesiástica no período em questão, a primeira relacionada ao paganismo e a segunda ao cristianismo. As crenças conviviam lado a lado, ao mesmo tempo em que a Igreja, detentora da palavra, procurava absorver os elementos da cultura folclórica, dando-lhe uma roupagem cristã (ZUMTHOR, 1993: 118-119).

Entre os celtas e germanos, havia a possibilidade de contato constante entre o mundo dos deuses e dos homens. Para os celtas, o Outro Mundo localizava-se a oeste, e um exemplo deste intercâmbio pode ser visto através do relato sobre o rei Pwill, que troca de lugar com Arawn, deus do Outro Mundo, cada um assumindo a forma física e identidade do outro por um período de um ano (Mabinogion, 2000: 23-51). Para os germanos, a árvore Ygdrasil, com três raízes, encontrava-se acima do céu, com uma raiz para o mundo dos deuses (Asgard), outra no Jotunheim (morada dos gigantes) e a terceira no Niffleheim (regiões das trevas e do frio). Já o mundo dos humanos localizava-se no Midgard (terra média). O espaço mitológico escandinavo que aparece nos poemas dos Edas é impreciso, podendo localizar-se tanto na terra quanto no céu (GUREVITCH, 1990: 67-69).

O conceito cristão de *Além*

Pensar no Paraíso Terrestre após a Queda é também pensar no Além Cristão, pois, após a Queda os humanos teriam se afastado do Éden e só voltariam ao Paraíso Perdido, após terem deixado esta vida. A idéia de um Além após a morte aparece em várias culturas e o caminho para atingi-lo é marcado por portais, pontes, rios. Para os germanos, o rio da morte era o Gjoll, e os heróis mortos em combate chegavam ao Walhalla (palácio dos mortos) pela ponte Bifroest, identificada com o arco íris. Como um dia haveria a luta decisiva entre os gigantes e os deuses, Odin encarregava as Valquírias, suas mensageiras, de escolher os melhores guerreiros nos campos de batalha para serem mortos e o auxiliar na batalha final. Estes guerreiros iam para uma das habitações de Odin, o Walhala, com palácios de ouro nos quais alimentavam-se de carne de javali e hidromel nos festins, e divertiam-se lutando (BULFINCH, 1965: 337-339).

No Antigo Egito e Mesopotâmia, as descrições do Além estão relacionadas a portais; na Bíblia, o portal é um símbolo para a entrada no rio do Além, como os portais do mundo dos mortos (Is 38, 10), do Inferno (Mt 16, 18) e do Paraíso (Gen 28, 17; Ap 4, 1). Nos autos das Barcas de Gil Vicente, as almas são esperadas por duas embarcações, uma conduzida pelo anjo, levando as almas ao Paraíso e outra conduzida pelo Diabo, que levava os mortos ligados aos bens materiais e à luxúria ao Inferno.

Para os gregos, o Além se relacionava com o Hades, onde as almas teriam sua existência sem sombra e sem corpo. Era guardado pelo cão Cérbero, que impedia os vivos de ali entrar e os mortos de sair. Os rios dos infernos indicam os caminhos dos condenados: Aqueronte (dores), Flegetonte (queimaduras), Cocito (lamentações), Estige (horrores), Lete (esquecimento) (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1995: 781). Todos os mortos eram levados ao Hades através do rio da morte pelo barqueiro Caronte, que os conduzia, mas eram as próprias almas que remavam.

No Velho Testamento o shéol se encontra envolto em trevas e em silêncio (Jó, 13, 17 e ss). O Além também pode ser imaginado neste mundo através da Ilha dos Bem-Aventurados, rodeada por mar (para onde iam os heróis gregos citados nos Trabalhos e os Dias e celtas, como Bran, em sua viagem) e ao ponto cardeal oeste, fazendo um paralelismo com o movimento do sol e o caminho da vida (LURKER, 1997: 15). A Terra das Hespérides, com seus pomos de ouro (um símbolo solar), originalmente representava um reino no Além. O Além cristão é inicialmente um local é binário, dividido em Paraíso e Inferno. O Paraíso está no alto, é o lugar da transcendência, sede das

entidades celestes e morada de Deus e o baixo, é o Inferno lugar de castigo dos condenados no Além, localizado embaixo da Terra. O baixo é dominado pelo Diabo, sendo também chamado de geena (Mc 9, 43; Mt 5, 25 s; 10, 28) ou geena do fogo. Em latim a palavra inferno, *infernus*, significa inferior. Os que para lá iam estavam condenados ao castigo eterno no fogo inextinguível, a torturas, ranger de dentes e odores fétidos aplicados pelo Senhor do Mal e por seus auxiliares.

Já o Reino de Deus para os Cristãos era o Reino Celeste. Lá era onde se localiza o verdadeiro Paraíso. Para este local de felicidade iriam os justos e bem-aventurados nesta vida quando chegasse o fim dos tempos. Assim é descrito o Reino Celeste na Bíblia no *Apocalipse de João*, obra produzida no século I, momento de intensas perseguições aos cristãos:

É por isso que estão diante do trono de Deus, servindo-o dia e noite em seu templo. Aquele que está sentado no trono estenderá sua tenda sobre eles: nunca mais terão fome, nem sede, o sol nunca mais os afligirá, nem qualquer calor ardente; pois o Cordeiro (Cristo) que está no meio do trono os apascentará, conduzindo-os até as fontes de água da vida. E Deus enxugará toda lágrima de seus olhos (Ap 7, 15-17)

O Paraíso é o local definitivo da Salvação. Deus é auxiliado por anciãos e por anjos e envia avisos à humanidade para que se arrependam dos pecados pois no Juízo Final haverá a separação definitiva, com a felicidade suprema aos bons e a danação eterna aos maus.

O Paraíso Terrestre após a Queda de Adão e Eva e a Geografia do Além

De acordo com os teólogos, após a Queda o Paraíso Terrestre teria se afastado deste mundo para um lugar de grande altura protegido por um muro de fogo, conforme já vimos. No entanto este local passa a funcionar como receptáculo das almas. No primeiro *Livro de Enoch* (século III a.C.), um evangelho apócrifo conservado por inteiro apenas numa versão etíope do século IV, Enoch vai ao Além com o anjo Gabriel e numa montanha elevada vê três cavernas tenebrosas destinadas aos pecadores e uma luminosa, reservada aos justos. Já no judaísmo antigo, todos os mortos eram recolhidos indistintamente no shéol (DELUMEAU, 1994: 33-34). No *Apocalipse de Baruch* e no *Livro de Enoch*, os maus também serão punidos. Baruch chega ao terceiro céu e pede ao anjo que o guie ao Paraíso Terrestre, onde estão próximos o jardim dos justos e o Hades, lugar de punição das faltas. No Quarto *Livro de Esdras* os maus ficarão em habitáculos e serão castigados de sete maneiras

diferentes enquanto os justos repousam de sete maneiras (DELUMEAU, 1994: 35-36).

Grande importância também teve o *Apocalipse de Paulo*, de meados do século III, que foi influenciado pelas obras citadas acima. Para Paulo as almas dos justos vão repousar temporariamente no Paraíso Terrestre.

Podemos dizer que o pensamento cristão pensava num Além intermediário após a morte. Alguns consideravam que só os mártires, o Bom Ladrão (perdoado por Jesus por ocasião da crucificação, a quem Cristo disse que encontraria no mesmo dia no Paraíso), Enoch e Elias (que ascenderam aos Céus sem sofrer a morte) gozavam já do Paraíso de Adão. Porém, um grande número de filósofos afirmava que as almas de todos os justos após a morte permanecem em estado de repouso até chegar o dia do Juízo Final quando iriam para o verdadeiro Paraíso por ocasião da parusia, a segunda vinda de Cristo, com a separação definitiva dos bons e maus.

Visualizando melhor a idéia do Além túmulo no pensamento judaico-cristão, segue a descrição do Além em obras produzidas entre os séculos II e III.

Tabela 1

Apocalipse de Baruch (c. séc. II)	Apocalipse de Esdras (c. séc. II)	Apocalipse de Pedro (c. séc. II)	Apocalipse de Paulo (c. séc. III)	IV Livro de Esdras (c. séc. II)
Baruch vai ao 3º céu, pede ao anjo que o guie até o Éden; proximidade entre jardim dos justos e Hades (lugar de punição das faltas)	Esdras vê uma cidade num vale cheia de coisas boas sete anjos levam Esdras ao inferno, desce 70 degraus; vê portas ardentes, rio de fogo sobre um rio ou ponte onde os maus caem	Pedro vê os bem-aventurados na montanha sagrada, vivem num lugar luzente, cheio de especiarias e plantas rio de fogo com rodas de fogo para castigar pecadores e para mergulhá-los	Os anjos levam almas dos justos repousam temporariamente no paraíso terrestre onde corre rio de leite e mel 7 castigos dos condenados: sede, frio, calor, vermes, mau cheiro roda de fogo, rio onde são mergulhados	Os justos repousam de 7 maneiras diferentes, lugar de silêncio e repouso maus serão castigados de 7 maneiras idéia de lugar intermediário no Além

É interessante observar portanto, que havia desde o início do Cristianismo uma idéia de sofrimento aos maus e de um Além intermediário. Durante a Baixa Idade Média, mais especificamente entre os séculos XII e XIII, a idéia de um espaço intermédio se racionalizou, relacionando-se a atitudes concretas a se tomar para diminuir o tempo de permanência ali. É o momento de construção do conceito de Purgatório no discurso eclesiástico como um lugar temporário de castigo. Através da ampla relação entre vivos e mortos e do tráfico que pode ser feito entre este mundo e o outro, acreditava-se garantir um lugar no reino dos Justos no Juízo Final. Nos séculos anteriores foram desenvolvidos relatos de viagem ao Além denominados *visio*, a visão, cujo objetivo era a exortação ou a advertência aos cristãos (PATCH, 1983: 98).

A seguir algumas visões e seus elementos:

Tabela 2

Visão de Perpétua	Visão de São Paulo	Visão de Baronto	Visão de Wettin
Séc. III, redigida por Tertuliano	Versão grega séc. III, redações séc. IX	Final do séc. VII	Início do séc. IX
escada de ouro que ela consegue subir Saturo é levado por 4 anjos ao Oriente, vê um lugar com todo tipo de flores, vê os mártires e ouve cantos	No 2º céu, descrição dos rios do Paraíso Terrestre: rio de mel (Fison), de leite (Eufrates), de azeite (Geon), de vinho (Tigre), Árvore do Bem e do Mal, Árvore da Vida	diabos e anjos disputam sua alma; Arcanjo Rafael o conduz ao Céu Paraíso dividido em 4 portas,	diabos e anjos se aproximam., anjo o ajuda, maior ênfase à descrição dos castigos
não fala das torturas do inferno	castigo dos pecadores: corpo mergulhado no rio de fogo até onde ia o pecado (joelhos, ventre, lábios)	vê as torturas do Inferno e suas moradas	vê montanha com grande altura feita de mármore sofrimentos vários de religiosos e também de imperadores como Carlos Magno, teria cometido incesto com a irmã

É possível perceber principalmente na *Visão de Wettin* uma ênfase aos tormentos sentidos no lugar intermediário, onde até mesmo um religiosos permanece para ser expurgado, o que mostra que a noção de lugar intermédio é antiga. Mais adiante falarei da *Visão de Tündalo*, apresentando maiores detalhes sobre os sofrimentos e deleites no Além.

A partir do ano 1000, a Igreja consegue uma influência maior sobre a sociedade, levando a uma maior preocupação da população com a salvação da alma e os meios de conseguí-la. Várias transformações ocorrem na Europa Ocidental, propiciando também novas reflexões sobre o sagrado. Destaco dentre elas o crescimento das cidades e de novas categorias sociais como os mercadores, o desenvolvimento das escolas urbanas, o movimento das Cruzadas, que para além da questão religiosa tinha um objetivo econômico de peso (conseguir terras para os secundogênicos e diminuir as guerras feudais), o surgimento das heresias contestando o monopólio da Igreja no contato com Deus.

Durante este período as ordens monásticas, inicialmente os cluniacenses e depois os cistercienses, buscaram uma participação maior na salvação do indivíduo, que culminou com o discurso mais elaborado dos séculos XI e XII quando nos relatos sobre o Além aparecem os lugares para os condenados vão e os tipos de castigos que se sofre, buscando ações para evitá-los mediadas pelos mosteiros. Surgiram assim, vários relatos de visões nos quais os mortos atestam a influência dos vivos na sua salvação. O relato sobre a vida do abade Odillon (1024), de Jotsuald, por exemplo, apresenta a idéia de lugares nos quais cospe um fogo ardente, onde as almas dos pecadores sofrem suplícios de demônios. Na narrativa, um eremita informa a um abade que as almas podem ser libertadas pelas preces dos monges e esmolas dadas aos pobres em lugares santos, e estimula os primeiros (os monges) a empenharem-se ainda mais para vencer os demônios (LE GOFF, 1993: 150-151).

Cluny também teve importância ao consagrar um dia especialmente para a oração aos defuntos, instituindo por volta de 1030 a Festa dos Mortos em 2 de novembro, logo depois da Festa de Todos os Santos, que era realizada no dia anterior. Os monges que haviam tido visões com defuntos eram encarregados de avisar os parentes e a comunidade para que missas fossem celebradas em sua homenagem (SCHMITT, 1999: 93-94). Jean-Claude Schmitt estudou vários relatos de fantasmas medievais, cujo objetivo era reclamar os “sufrágios” que os libertariam dos tormentos do Além. Nas narrativas produzidas na abadia de Cluny, eram apresentadas a necessidade de esmolas e da celebração da alma dos mortos, além de apresentar a Virgem Maria como principal auxiliar das almas quanto à salvação. As visões também atacam os padres simoníacos, alertando sobre a necessidade da prece individual pelo morto. Os relatos alertam sobre padres que recebem alimentos e não rezam pelo morto e também insistem que é melhor dar esmolas aos pobres que a padres indignos. Atestam ainda a continuidade da solidariedade

entre vivos e mortos e as orações monásticas como forma superior e eficaz para ajudar os defuntos (SCHMITT, 1999: 83-86).

É interessante destacar também o uso das visões com fins político-financeiros, como fez por exemplo, Pedro, o *Venerável*, oitavo abade de Cluny (de 1122 a 1156). Ele transcreveu na obra *De Miraculis* um relato no qual o avô do rei Afonso VI teria sido visto por outro morto, e que através deste agradecia à Ordem pela eficácia de suas orações para livrá-lo dos tormentos. O abade pretendia com isso que o monarca de Castela e Leão continuasse a pagar um direito anual sobre as searas a Cluny, como retribuição às preces da ordem (SCHMITT, 1999: 151-152). A Igreja conseguiu com sucesso mobilizar a sociedade em torno da salvação. A partir do século XII, ocorre também uma valorização do indivíduo e do livre-arbítrio como fundamental para se atingir o Paraíso. A permanência no Purgatório a partir do período em questão era vista como um momento temporário no pagamento dos pecados veniais (isto é, aqueles que podiam ser perdoados por Deus), no qual o morto sofria algumas torturas físicas como a passagem simultânea do fogo ao gelado (LE GOFF, 1993: 19-21).

A racionalização da idéia de castigo temporário no Purgatório possibilitou que novas categorias sociais, como a dos mercadores, que exerciam uma atividade contrária ao pensamento da Igreja (a utilização da usura), temendo por este motivo o seu destino na outra vida, pudessem obter a salvação através das missas e outras medidas empreendidas pelos vivos para abreviar o tempo no Purgatório. O trabalho do mercador era visto pela Igreja como não agradável aos olhos de Deus. Isto tinha origem na Bíblia. O Levítico afirma que “se o teu irmão achar-se em dificuldade, não lhes darás empréstimo a juros, nem lhe darás alimento para receber usura” (Lv 25, 35-37). No mesmo sentido, o *Decreto de Graciano*, obra eclesiástica do século XII, sentenciava que “O mercador nunca pode agradar a Deus – ou dificilmente” (*homo mercator nunquam aut vix potest Deo placere*) (LE GOFF, 1991: 71; COSTA e ZIERER, 2000: 70).

Os tormentos dos usurários são comumente mencionados nas visões. Na *Visão de São Paulo*, por exemplo, os usurários são mergulhados num rio tenebroso onde têm as línguas comidas por não terem sido misericordiosos nem se preocuparem com as viúvas e órfãos (*Vision de Saint Paul*, 1903: 125-126). A apreensão de toda a sociedade com as atitudes a tomar antes da morte e da ida ao Purgatório era também uma forma de aproximação com as crenças populares célticas e germânicas. Estas não estabeleciam uma grande distinção entre o reino dos deuses e dos homens, podendo haver um intercâmbio constante entre estes dois mundos, não muito distantes um do outro.

O Purgatório, além de significar uma preocupação com o destino após a morte, representa também uma aproximação com o Além-túmulo, que, a partir de então, não significa mais uma longa espera dos mortos pelo Paraíso até o dia do Juízo Final conforme a versão cristã inicial. Na nova “contabilidade do Além” (LE GOFF, 2002, I: 32), eram pesadas as ações do morto, comparando seus pecados e penitências feitos e a fazer. Assim, a alma sofreria por um curto período no Purgatório e logo depois iria para o Paraíso, o que permitia então, um intenso tráfico, através das práticas para que se saísse logo do lugar dos castigos (missas pela alma do morto, entrega de bens ou rendimentos à Igreja, auxílio aos pobres). Graças à divulgação da idéia de Purgatório pelos oradores, passou a haver no campo do imaginário, um enorme intercâmbio entre vivos e mortos, numa aproximação com a visão do Outro Mundo da cultura folclórica.

Assim como os cluniacenses, os cistercienses também se dedicaram aos relatos sobre viagens ao Além e as ações dos vivos para mitigar as faltas dos defuntos. Fundada em 1098, a Ordem de Cister, tal como a de Cluny, era baseada na regra de S. Bento. Afirmava que era necessário uma maior aproximação com o trabalho manual, conforme pregava a regra de São Bento e se implantou inicialmente no campo. Os iletrados (irmãos leigos) eram aceitos na Ordem e formavam a base produtiva do mosteiro por trabalharem nas plantações. Os cistercienses tiveram grande importância na confecção do *exemplum* que analisarei mais adiante, a *Visão de Túndalo*.

De forma geral, os monges eram considerados os religiosos mais puros e próximos de Deus por estarem totalmente afastados do mundo (BOLTON, 1986: 24). Quanto ao clero secular, sua principal função era a de ministrar os sacramentos que garantiriam a salvação aos fiéis. A própria arquitetura do mosteiro e as ações dos monges, centradas no *Opus Dei* (o estudo das escrituras, trabalhos com os manuscritos, cânticos e jejuns) eram vistas como uma forma superior de religiosidade pela sociedade feudal.

Relatos como a *Visão de Túndalo* colocam os monges numa das melhores partes do Paraíso, o Muro de Ouro, abaixo apenas do Muro das Pedras Preciosas, local das nove ordens de anjos, das virgens e de São Patrício. Os monges, aqueles que haviam se guardado dos prazeres mundanos e dedicado a vida a Deus, tinham as cabeças coroadas de ouro e pedras preciosas (ZIERER, 1999: 128).

Os mosteiros beneditinos eram construídos de forma a representar o Paraíso:

"(A abadia) Teórica, por sua vontade de correspondência estreita com as harmonias universais, orientada, construída sobre os eixos do mundo, em

perfeito equilíbrio aritmético, a época repousa sobre um módulo de base de quarenta pés, formando a nave da igreja a base de toda a composição. Pois no coração desse organismo se mantém a igreja, ponto de articulação entre a terra e o céu: nesse lugar opera-se a ligação com o paraíso." (ARIÈS e DUBY, 1990: 52)

Portanto, ninguém melhor que os eleitos na sociedade terrestre, os monges, aqueles que eram os mais próximos do Paraíso, de acordo com a crença da época, para confeccionar relatos sobre como os cristãos deveriam se comportar.

Um *Exemplum* do Século XII: A Visão de Tundalo

Figura 1



O homem em seu leito de morte (c. 1470). Ilustração do livro *A Arte de Bem Morrer*, publicada em Ulm.

Na imagem da xilogravura é possível ver um cristão às portas da morte, o que demonstra a grande preocupação dos fiéis com este momento específico de suas vidas. A xilogravura de *A Arte do Bem Morrer* foi um dos primeiros trabalhos utilizando esta técnica e tinha por objetivo ser um sermão visual, mostrando aos fiéis o futuro dos devotos de acordo com suas ações. Próximo do morto, um monge segura uma vela acesa e os anjos estão em cima da cabeceira levando a alma deste em direção ao céu. Também presentes ao fundo, estão Cristo e seus santos. Na parte inferior, uma série de diabos, assemelhados com animais ferozes, tentam levar a alma do morto e portam cada um vários dizeres negativos, tais como: ‘Estou furioso’, ‘Estamos perdidos’, ‘Estou assombrado’, ‘Isto não é consolo’, ‘Perdemos esta alma’ (GOMBRICH, 1999: 282).

A imagem, um sermão visual, tem a mesma função do *exemplum* que analisarei agora: mostrar aos vivos os castigos e recompensas dos cristãos de acordo com seus atos na terra. No entanto, o bom cristão não precisa temer o Inferno. Devido às suas boas ações, será levado ao Paraíso. O que não aconteceu com o cavaleiro Túndalo, ao menos num primeiro momento. Descreverei a viagem ao Além deste pecador agora com maiores detalhes que as outras visões para compreendermos com mais clareza a idéia de salvação medieval através da viagem da alma. A narrativa, de origem cisterciense, foi escrita no século XII, pelo irlandês Marcos, e traduzida em português, por volta do século XV, por monges do mosteiro de Alcobaça. Há uma versão de Frei Hilário de Lourinha (códice 266) e outra de Frei Zacarias de Payopelle (códice 244). Utilizarei a versão deste último códice, publicada em 1895 na Revista Lusitana por F. M. Esteves Pereira. Trata-se de um *exemplum*, que apresenta a experiência de um cavaleiro pecador nos três espaços do Além: Purgatório, Inferno e Paraíso. O principal traço dos exempla era ser um relato breve, tido por verídico, com o intuito de ser inserido num sermão ou discurso de fundo teológico para convencer uma platéia através de uma lição moral (BREMONT, 1998: 21-28; CAZALÉ-BÉRARD: 1998, 29-42; LE GOFF, 1999: 324-344).

Por ter sido composto em meados do século XII, a diferença entre Purgatório e Inferno na obra ainda é um tanto confusa. No manuscrito original, o espaço é dividido em Inferno, com oito lugares de tortura, Inferno Inferior e Paraíso (CAROZZI, 1994: 597). Na versão portuguesa do século XV, aparece explicitado que o cavaleiro conhecerá “todas as penas do inferno e do purgatorio e (...) todos os beens e glorias que ha no sancto parayso (Visão de Túndalo (VT), 1895: 101)”. Durante o relato porém, é difícil distinguir Purgatório e Inferno, ambos locais de tortura. Só podemos diferenciar os dois espaços porque sabemos, num determinado ponto da narrativa, que o

cavaleiro desce ainda mais para baixo, chegando a um lugar muito pior daquele onde já havia experimentado sofrimentos, e lá encontra o Príncipe das Trevas.

Numa outra versão da narrativa do século XV, escrita em provençal, a divisão do espaço é mais explícita, pois já aparecem separados por títulos, as experiências do cavaleiro no Purgatório, Inferno e na morada dos bem-aventurados (*Voyage de Raimon de Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul*, 1903: 57-119).

Os antigos lugares de castigo (ou Inferno) são transformados em Purgatório e o Inferno Inferior passa a ser visto como o Inferno propriamente dito. Isso mostra como no final da Idade Média os espaços já estão bem definidos e a preocupação com a morte, num período marcado pela Peste Negra, é grande. No relato aparece fortemente explicitado o objetivo da jornada de Túndalo, isto é, sua experiência seria contada pelo monge Marcos para que os medievais se arrependessem dos pecados e levassem uma vida mais virtuosa:

Este tal e tan pecador quis deus por exemplo de nos todos, que uisse muytas cousas e as sofresse e que as contasse a nos per que tomassemos exemplo pera nos castigarmos de mal fazer. (VT, 1895: 101).

A Igreja Medieval pretendia o controle das almas, daí a utilidade destas narrativas. O redator escreve ao fim da história que era testemunha da experiência de Túndalo, pois havia ouvido o que acontecera do próprio cavaleiro:

Eu frey marcos. que esto screuy. son testemunha desto todo. Ca eu ui con meus olhos o homen a que esto aconteceu e que me contou todo assi como ia ouuistes. e assi como o el contou a my. assi trabalhey eu de o contar o melhor que eu pudy. (VT, 1895: 120)

Aqui o afirmar que ouviu funcionava como garantia de veracidade, forte traço medieval. Além disso, o autor, de acordo com suas palavras, tentaria transcrever a narrativa exatamente conforme a havia ouvido, o que denota uma forte interpenetração entre oral e escrito. A narrativa desenvolve-se a partir da “morte” temporária de Túndalo por um período de três dias, ocasião em que um anjo vem buscá-lo para uma jornada no Além. A versão provençal explica que Túndalo estava na cidade de Cartago entre prazeres com amigos e no dia da jornada ao Além começou a passar mal. Não conseguiu comer, sentiu a alma sair do corpo, mas como havia um pouco de calor em seu peito, não foi enterrado (*nullo in eo remanente vite signo, excepto quod calor modicus in sinistro pectore ab is*) (*Vision de Tindal*, 1903: 59-60).

Os principais pecados que Túndalo deveria “purgar” nesta viagem eram comuns aos medievais e muito criticados pelos *oratores*, como, por exemplo, o apego aos prazeres mundanos, a luxúria, e o não cumprimento de obrigações cristãs, como dar esmolas aos pobres e freqüentar assiduamente as missas. A Igreja pretendia o controle sobre a vida sexual dos fiéis, defendendo o casamento voltado apenas para fins de procriação, sendo que o ato carnal fora do casamento era condenado (BROOKE, 1991: 16-87, RICHARDS, 1993: 33-52, DUBY, 2001). A instituição controlava a moral dos fiéis e seus atos para que estes conseguissem, após a morte, atingir o Céu.

A narrativa pode ser dividida basicamente em dois momentos: no primeiro, o anjo e o cavaleiro vão descendo a terra (pois, na concepção cristã, o Inferno se localiza embaixo) e o pecador enfrenta uma série de provações. Estas provações estão relacionadas aos sete pecados capitais – a vaidade, ira, inveja, avareza, gula, luxúria e preguiça e para cada um dos pecados existem penalidades como podemos ver abaixo:

Tabela 3

Pecadores	Pecado Capital	Castigo
1. Assassinos	Ira	sofrem num vale profundo com carvões e com cruzel de ferro branco que queima mais que carvões
2. Traidores	Vaidade	almas passam do fogo do enxofre para rio gelado e depois para o fogo novamente
3. Orgulhosos	Inveja	mergulhados num lago fétido ao cair de longa ponte por onde só atravessam os eleitos
4. Avaros	Avareza	são comidos e atormentados pela besta Aqueronte, depois são colocados no fogo e no rio de enxofre
5. Ladrões	Preguiça e Inveja	passam por ponte estreita com pregos afiados; enormes bestas comem os que caem das pontes
6. Glutões e Fornicadores	Gula e Luxúria	jogados em enorme forno que queima tudo, torturados por diversas ferramentas
7. Luxuosos, principalmente os eclesiásticos	Luxúria	besta devora as almas e as vomita, almas concebem monstros, como serpentes e outros que as mordem, agulhas de ferro e de fogo consomem as almas

Dentre os pecados aquele em que mais se sofre é com a luxúria, a qual é praticada por leigos e também por eclesiásticos. Estes últimos, como lembra o anjo, devem ser punidos de maneira mais rigorosa se incorrerem neste pecado. Como ressalta bem Carozzi, a oitava punição não é mencionada, e depois dela Túndalo e o anjo vão direto para o Inferno (antigo Inferno Inferior)

(CAROZZI, 1994: 602). Talvez por esta razão, o compilador da versão portuguesa coloca o último castigo desta primeira parte como o castigo daqueles que devem ser melhores que os outros, tem sabedoria e ciência para o ser e não são. A forma de punição é serem mordidos até os ossos e serem transformados numa massa derretida, desejarem morrer, mas não conseguirem (VT, 1895: 109).

Durante toda a jornada, o anjo vai acompanhando Túndalo, porém ele sofre várias punições. Nas penas dos ladrões, é obrigado a passar com uma vaca pela ponte estreita com pregos, por haver roubado a vaca de um vizinho. No meio da ponte, encontra um homem carregando um feixe de trigo. Nenhum dos dois quer retornar para dar passagem ao outro, estão com os pés sangrando e acusam-se mutuamente de seus pecados (VT, 1895: 106). Túndalo só obtém sucesso graças ao ser angélico, que o salva, curando seus pés e permitindo que atravessasse a ponte. O cavaleiro também sofre com os ávaros e é comido pela besta Aqueronte, a qual era alta como uma montanha. Sobre o animal monstruoso:

os olhos daquela besta pareciam uma montanha de fogo e a boca era muito grande e aberta, pela qual podiam entrar nove mil homens armados [...] da boca daquela besta saíam choros e gritos, os quais faziam as almas que estavam dentro do ventre daquela besta. (Vision de Tindal, 1903: 70)

No interior do monstro havia fogo e animais como cachorros, serpentes, leões e outras bestas. Depois, os demônios colocam as almas no fogo, no rio de enxofre e no gelo. Ao sofrer os tormentos, Túndalo recorda-se das faltas cometidas (Vision de Tindal, 1903: 72). O anjo lembra a todo momento da misericórdia de Deus, o qual deseja salvar Túndalo daí querendo mostrar a ele as punições aos pecados, visando obter o arrependimento. A obra tem um caráter bastante didático, a cada lugar onde passam, Túndalo pergunta ao anjo quem está ali e porque merece ser colocado no local, o que o ente de Deus explica e logo depois admoesta Túndalo a se corrigir para evitar o lugar no futuro ou para atingi-lo na outra vida, uma vez que eles passam por todos os espaços do Além. O cavaleiro sofre ainda outras punições: a dos glutões e fornicadores, e a pior das punições do “Purgatório”, a pena dos luxuriosos, que já mencionei anteriormente. Ainda que seja uma pena voltada aos eclesiásticos que pecaram, aqueles que cometeram a luxúria imoderadamente, como Túndalo, também sofrem a punição.

Eram devorados por outra besta, mais aterrorizante que a predecessora, com dois pés, duas asas muito grandes e de sua boca saíam grandes chamas de fogo. No interior do monstro, os pecadores sofriam tormentos e engravidavam, tanto homens quanto mulheres, de outras feras, as quais

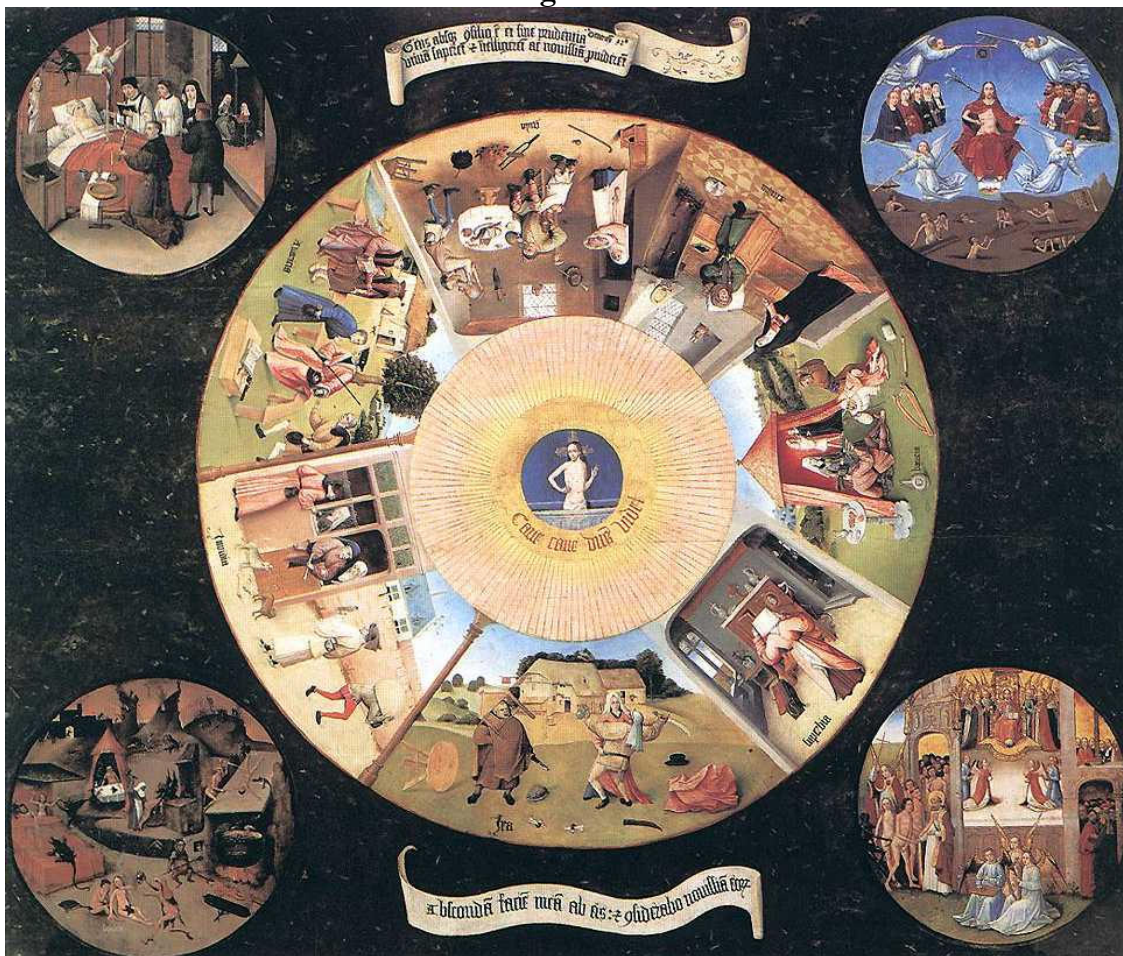
pariam, com grandes gritos, por todas as partes do corpo. Estes animais os mordiam até os ossos e queimavam suas artérias e pulmões:

Erant enim in omnibus diversis membris et digitis diversarum bestiarum capita, que ipsa membra mordebant usque ad nervos et ossa. Habebant quoque linguas vivas in modum aspidum, que totum palatium et arteria consumebant omnia usque ad pulmones (Vision de Tindal, 1903: 84).

Depois disso, as almas eram torturadas pelos demônios e derretidas como o chumbo, com o uso de martelos e outros instrumentos, e transformadas em massa: “as uezes de cen almas se fazia huma massa” (VT, 1895: 109). Porém por mais castigos que sofressem as almas nunca poderiam morrer, conforme desejavam. Da mesma maneira que a *Visão de Túndalo*, a *Visão de São Paulo*, do século IX, igualmente mostra penas relacionadas aos tipos de pecado com inspiração nos sete pecados capitais. Neste caso, o Arcanjo Miguel leva São Paulo ao Inferno. Diante de suas portas vê árvores de fogo onde os pecadores são pendurados de acordo com seus pecados. Os pendurados pelos pés na árvore de fogo são os malfeitores, pendurados pelas mãos, ladrões, pelos cabelos os orgulhosos, pelo pescoço, glutões e pela língua, os caluniadores. Outra punição é o mergulho no rio de fogo, onde partes do corpo são imersas de acordo com a gravidade do pecado.

O principal elemento a lembrar aqui é o não cumprimento dos compromissos dos fiéis, como o de não fazer penitências ou de cometer pecados após conseguir o perdão. Aqueles que são mergulhados no rio de fogo até os pés, foram os que fornicaram após receber penitência, até os joelhos, os que cometeram furtos e rapinas, até a boca, os traidores e até as sobrelhas, os maliciosos (Vision de Saint Paul, 1903: 124-125). Na iconografia medieval os sete pecados capitais são igualmente representados como por exemplo na obra de Bosch abaixo:

Figura 2

Hieronymus Bosch. *Os Sete Pecados Capitais* (c. 1490). Museu do Prado. Madrid.

Nascido na Holanda, Bosch (1450-1516) era proveniente de uma família de pintores e levou uma vida confortável por ter se casado com uma burguesa. A mentalidade medieval está presente em suas pinturas embora fosse contemporâneo de diversos artistas do Renascimento, como Leonardo da Vinci. Não há retratos seus e suas pinturas não são datadas (Coplestone, 1997: 5-7). Profundamente religioso, a partir de 1486, passou a pertencer a uma confraria de leigos, a Confraria de Nossa Senhora. Seus desenhos revelam grande preocupação com a salvação e o pecado, sempre associado ao sexo e muitas vezes representado de forma bizarra, como no Jardim das Delícias (c. 1500) e no Juízo Final, onde os pecadores são punidos por animais estranhos. Muitos críticos de arte lhe atribuem uma atenção obsessiva com a luxúria e obscenidade, que ao mesmo tempo, suas obras pretendiam condenar.

Em *Os Sete Pecados Capitais*, o grande círculo representa o olho de Deus que observa a humanidade. No centro do quadro está a figura de Cristo no

interior da íris azul, mostrando suas chagas. A íris está circundada por um círculo dourado em forma de raios de sol. Ali existe a inscrição: “Cuidado, Deus tudo vê” (*Cave Cave Deus videt*).

A obra foi levada para a Espanha em 1574 por Felipe II e ficou durante anos nos aposentos do rei no Palácio do Escorial. Os quatro medalhões laterais mostram os quatro destinos humanos: o leito de morte, o Juízo Final, o Paraíso e Inferno. No interior da tábua, são representados os sete pecados capitais, e acima dela pairam bandeirolas com advertências em latim. A Ira apresenta uma cena de ciúme e conflito. No Orgulho, um demônio exhibe um espelho a uma mulher. A Preguiça mostra uma mulher vestida para ir à missa e tentando acordar um homem que dorme uma gostosa soneca. Na Avareza, um juiz aceita suborno; na Inveja, é retratado o provérbio “dois cachorros com um osso raramente chegam a um acordo.”

Descreverei dois pecados com mais detalhes: a luxúria e a gula. A Luxúria retrata dois casais de amantes divertindo-se próximo a uma tenda de brocado vermelho. Há na cena comida, bebida e instrumentos musicais como a lira, propícios ao jogo amoroso. Próximo deles, os divertem um palhaço e um bufão. A Gula mostra um homem obeso, mascando um osso, numa mesa repleta de alimentos. A mulher traz mais comida, uma ave assada. Do lado direito, outro membro da família bebe vinho sofregamente da jarra, que escorre. Abaixo do homem obeso, uma criança gorda, seu filho, pede mais comida. Pendurados na paredes, uma faca e um chapéu com uma flecha traspassada lembram objetos de caçador para obter mais comida.

Interessante também na pintura são os quatro anéis laterais que mostram o Além. Do lado esquerdo, a primeira imagem é a do homem em seu leito de morte, análoga a que já analisei sobre *A Arte do Bem Morrer*. Próximo do morto estão religiosos, acima de sua cabeceira, um anjo e um diabo esperam para levar a alma. Atrás da cama, a figura da morte. No anel do lado direito, há uma cena do Juízo Final. Os anjos com suas trombetas anunciam a segunda chegada de Cristo. Os mortos saem da Terra para serem julgados pela derradeira vez.

Nos anéis embaixo, temos do lado esquerdo, o Inferno e do direito, o Paraíso. No Inferno, pessoas são torturadas para depois serem jogadas num caldeirão que ferve, atizado por demônios. Ao fundo da imagem, vemos uma casa e uma montanha ardentes. No Paraíso, a parte de cima é dominada por Deus e seus santos e logo abaixo os anjos recebem os eleitos que entram no Reino dos Céus.

Voltando à *Visão de Túndalo*, as experiências desagradáveis sofridas pelo cavaleiro no Purgatório continuam num crescendo até que eles chegam ao Inferno, onde estava o Diabo, que proporciona sofrimentos ainda piores aos condenados. Era uma besta negra com mais de mil mãos, com unhas de ferro que ‘*ero plus longas que una lanmsa de cavalhier*’ e o rabo era cheio de ‘agulhas por donar turmen a las armas [almas]’ (Vision de Tindal, 1903: 93). É interessante observar que o diabo também é um sofredor. Nomeado como Lúcifer, (aquele que leva a luz), o anjo caído da Bíblia jazia estendido numa grelha de ferro debaixo da qual havia uma grande brasa e os demônios atiçavam-na para que queimasse mais forte. Todos os seus membros e juntas estão presos em cadeias de ferro e fogo muito grossas e quando ele se movia, queimava-se. A ilustração dos irmãos Limbourg que retrata o Inferno no *Livro de Horas do Duque de Berry* (1415), mostra a cena do diabo na grelha (LINK, 1998: 187).

A corte do Diabo é formada por Lúcifer, o Senhor dos demônios, aprisionado nas trevas do Inferno, Satã, primeiro de seus seguidores, seu bode expiatório e o encarregado de missões na terra e uma série de outros demônios que exerciam suas atividades no Inferno e Purgatório (LE GOFF & SCHMITT, 2002, I: 321). Na *Visão de Túndalo*, como o Diabo sofria na grelha de ferro, atormentava ainda mais as almas, as quais esmagava entre os dedos. Ou então engolia-as e depois as exalava para várias partes do inferno, conforme a ilustração dos Limbourg. As almas que se encontram no Inferno sofrem todos os castigos anteriores e mais o castigo eterno do qual não podem livrar-se por não terem se arrependido dos seus pecados em vida, segundo as versões da *Visão de Túndalo* do século XV. Na versão deste relato no século XII, os que estão ali são os anjos das trevas e os que se desesperaram da misericórdia de Deus e não acreditaram mais Nele. Estes já estão definitivamente julgados (CAROZZI, 1994: 600).

Como é possível observar, os tormentos sofridos no Purgatório e Inferno estão relacionados a torturas físicas com fogo e objetos cortantes, que levam ao dilaceramento dos corpos dos condenados, acentuado por seus gritos lancinantes e pelo fedor nauseante, torturas que são ininterruptas por toda a eternidade. Note-se aí uma ênfase neste tipo de narrativa às sensações experimentadas pelos sentidos como forma de tornar o relato mais vivido e assustador.

Na pintura abaixo de Fra Angelico, *O Juízo Final*, é possível ver de cada lado, os justos no Reino Celeste e os maus no Inferno.

Fra Angelico (1387-1455), cujo verdadeiro nome era Guido de Pietro, nasceu em Vichio, aldeia no norte de Florença. Tornou-se era frade dominicano,

adotando o nome de Fra Giovanni de Fiesole. Teve uma juventude agitada, com constantes transferências de conventos, pois os dominicanos apoiaram o papa legítimo Gregório XII na contenda que a República Florentina teve com o Vaticano até 1418 a favor do ‘Antipapa’ Alexandre V (Gênios da Pintura, 1973, I: 87). Em 1449, tornou-se prior do convento de S. Marcos, em Florença. Suas pinturas místicas o levaram a ser chamado, logo após a sua morte, de “o pintor angélico”. Sua representação do Juízo Final é baseada no relato do Apocalipse, marcado pela segunda vinda de Cristo e o julgamento definitivo da humanidade. De acordo com a Bíblia:

e o sétimo anjo tocou (a sétima trombeta)... Houve então fortes vozes no céu clamando: ‘A realeza do mundo passou agora para o nosso Senhor e seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos’. Os vinte e quatro anciãos que estão sentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se e adoraram a Deus, dizendo: ‘nós te damos graças Senhor Deus Todo-Poderoso ‘Aquele-que-é e aquele-que-era’, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar. As nações tinham se enfurecido, mas a tua ira chegou, como também o tempo de julgar os mortos, de dar recompensa aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, pequenos e grandes, e de exterminar os que exterminam a terra.’ (Ap11, 15-18)

No detalhe que mostrarei, acima da imagem dos eleitos estão os condenados, ainda vestidos, que são empurrados com os tridentes de demônios negros para o Inferno. Localizado numa montanha, com castigos divididos em níveis, as almas despidas sofrem diversas torturas.

Figura 3



Fra Angélico. *O Juízo Final. Detalhe do Inferno* (c.1432-1435). Museo di San Marco, Florença.

As torturas do Inferno, de acordo com o pintor, estão divididas em cinco estágios:

1. Almas torturadas e mutiladas devido aos pecados da carne
2. Almas ardendo no fogo
3. Almas são queimadas e mordidas por outras; do outro lado, almas são impedidas de comer iguarias postas à sua frente
4. Almas queimam num caldeirão
5. O Diabo come as almas que depois são jogadas no rio de fogo e ali atormentadas e cozidas por demônios

Num segundo momento, Túndalo é conduzido pelo anjo para o Céu rumo ao Paraíso. No caminho, encontram pessoas que estão num pré-Paraíso, por não serem maus nem completamente bons. A visão do Paraíso no relato segue a idéia de hierarquia de Gregório Magno que, inspirado numa passagem bíblica do profeta Ezequiel, divide os cristãos em três categorias, os *conjugati* (casados), os *continentes* (os religiosos) e os *predicadores* (os clérigos seculares) (VAUCHEZ, 1985: 48). No pré-Paraíso, a primeira visão é a de claridade e de uma fonte, uma analogia aos rios do Éden e elemento sempre presente nas representações do Paraíso Terrestre. Túndalo vê dois reis, anteriormente rivais, o rei Cocomart e rei Domas vivendo agora como amigos. O primeiro após uma grave moléstia prometeu que, se curado, se tornaria monge e o segundo, deu todos os seus bens aos pobres (Vision de Tindal, 1903: 100-101).

O anjo enfatiza a Túndalo que ele deve contar este exemplo de ação dos reis aos demais quando voltasse a terra. Isso denota um exemplo de índice de oralidade na narrativa (ZUMTHOR, 1993: 35 e 39-41), graças a utilização de verbos como contar, ouvir, dizer, lembrar, que indicam mais uma vez o papel da oralidade na sociedade medieval quando a maior parte da população era iletrada e os relatos, não apenas as Visões mas diversos outros, eram ouvidos e não lidos:

“E remembre te que contes ayssso a las gens cant seras tornado al setgle”.
(Vision de Tindal, 1903: 101).

Túndalo também encontra no pré-Paraíso o rei Arcomart em grande riqueza, servido por pobres e peregrinos a quem havia dado todos os bens temporais. Este rei tinha vinte e uma horas de felicidade a cada dia, porém sofria três horas com fogo até o umbigo e um cilício do umbigo para cima devido a seus pecados: infidelidade no casamento, matou um cavaleiro ante o altar de São Patrício e cometeu perjúrio (Vision de Tindal, 1903: 104).

Depois, Túndalo chega ao Paraíso propriamente dito, dividido em três estágios, o Muro de Prata, de Ouro e de Pedras Preciosas. No Muro de Prata, lugar em que a alma ouve belas vozes e expressões de alegria e contentamento, vivem os castos no casamento. As características desses eleitos são as seguintes: claridade, alegria, beleza, castidade, santidade, eternidade:

Aquel muro era todo de prata muy fermosos e muy luzente. E as uozes deles [dos eleitos] soauan de muytas e desuayradas maneyras. que non parecian outra cousa. se non cantares de orgoons. E a todos era ygual claridade e alegria e deleytamento. e ledice. fermosua e honestidade. de

boon sabor. e de boon odor. que sobrepoiaua mais e ualia mais. que todos os boons odores que son. (VT, 1895: 114)

As pessoas que ali estavam não haviam cometido o pecado de adultério e tinham entregue todos os seus bens aos pobres e à Igreja:

esta folgança é dada aos casados e a todos aqueles que non britaron nen transpason a orden do casamento derecho. per pecado de adulterio. e os seus beens temporaes partiron con os pobres. e a romeus e aa egreias de deus. (VT, 1895: 114-115)

Por isso, os que estão no Muro de Prata ficarão ali até o dia do Julgamento e depois perpetuamente com Deus no Paraíso: (*e apres estaran perpetualment am Dieu en paradis*) (Vision de Tindal, 1903: 106): “aos quaes dira nosso senhor que he derecho juiz no dia do juizo. Vynde beentos do meu padre. e recebee o reyno que uos sta aparelhado do começo do mundo.” (VT, 1895: 115). É possível ver no detalhe abaixo do Juízo Final a representação do Paraíso. Cristo está no centro, numa aureola dourada e azul, circundado por anjos, e tendo próximo de si a Virgem Maria. De cada lado, logo abaixo dele e acima dos demais, estão os santos. Dois anjos estão com suas trombetas anunciando o Juízo Final. Logo abaixo, outros anjos, num jardim florido, conduzem os eleitos a um palácio iluminado, o Reino Celeste.

Figura 4



Fra Angelico. O Juízo Final. Detalhe do Inferno (1432-1435). Museo di San Marco, Florença.

Os elementos da *Visão de Túndalo* encontram vários pontos em comum com o *Paraíso* de Fra Angelico. No Muro de Ouro, encontram-se os monges, homens e mulheres, e os construtores das igrejas, com coroas de ouro com pedras preciosas sobre a cabeça, por terem sido os mártires em defesa da fé cristã. Túndalo e o anjo vêem a formosura desses eleitos que se assemelham a anjos, seus cantos e seu bom odor, que ultrapassam tudo o que haviam visto antes:

E entraron e uiron dentro muitos monges. e muitos homeens de orden. e muitas molheres outro sy, que non parecian outra cousa se non angeos. tan fermosos eran. e cantauan tan docemente,. e tan soborosamente que todas as maneyras e artes da musica sobrepoiauau e uencian. pero que todas as outras almas que ia uiron nos outros logares per hu uynham. resplandecian e luzian muito a demais. A claridade e o resplendor e o muy boon odor que destes saya. sobrepoiauau. e pasauan todos os que no mundo son. (VT, 1895: 117)

Neste trecho do Paraíso, o anjo adverte sobre uma parte na qual o cavaleiro não poderia entrar, o que é encontrado em outras narrativas, indicando que há locais do Paraíso destinados apenas aos eleitos após a morte. A seguir, eles vêem uma árvore frondosa, carregada de todos os frutos que poderia haver. Em seus ramos, pássaros de todas as cores cantam melodiosamente. Esta árvore é um cipreste e representa a Santa Madre Igreja, em analogia direta com a Árvore da Vida presente no Éden, a qual frutifica doze vezes no Apocalipse (Ap 22, 2). Sob esta árvore, em celas de ouro e marfim estão as pessoas que edificaram as igrejas, trajando vestes monacais (Vision de Tindal, 1903: 112):

E morauan so esta aruor muitos homeens e muytas molheres. en casas de ouro e de marfi, que louuauan. e beenzian deus poderosos en nenhuun quedar. e por quen el he. e por muitos beens e mercees que semre del receberam. E cada humm tynha sua coroa de ouro, en sua cabeça. muy marauilhosas e muy nobres. (VT, 1895: 117-118)

Por fim, chegam na melhor parte do Paraíso, o Muro das Pedras Preciosas. Este muro era mais alto que os anteriores e suas pedras multicores brilhavam tanto que pareciam o sol. Neste local estavam as nove ordens de anjos, os patriarcas, os profetas da Bíblia, os apóstolos de Jesus e as virgens:

E depois que sobiran en cima ao muro. uiron sen outra duuida cousas. quaaes olho non uio. nen orelha ouuio. nen coração de homem cuidou. nen pensou. Ca uiron noue ordeens de angeos. os quaaes son. s. Angeos. Archangeos. Virtudes. Principados. Potestades. Dominaçõnes. Thronos. Cherubin. e seraphin.

E esta alma ouuio palauras muy marauilhosas. e muy sanctas. per tal guisa que non conuen a nenhuun homen de as dizer.

Além desses eleitos também estão lá São Patrício e quatro bispos irlandeses (Celeste, Malaquias, Arthinateno e Menias) devido ao fato de o autor do relato ser ele próprio irlandês. Depois de percorrer todos os espaços do Além, a alma de Túndalo retorna ao corpo, ele conta o que viu, divide seus bens com os pobres e passa a adotar uma vida casta para ir brevemente para o Paraíso. Como é possível perceber na estrutura do *exemplum*, a narrativa tem um fim moralizante ao mostrar um homem comum, isto é Túndalo, um cavaleiro pertencente à nobreza e o seu percurso para chegar à salvação, buscando assim levar a conversão dos demais laicos. Além disso, ao finalizar a sua missão de visitar os três espaços do Outro Mundo e contar a sua experiência, o cavaleiro finaliza seu objetivo na terra e espera a morte para, após a sua redenção, atingir e permanecer no Paraíso.

Podemos observar em todas as visões, o uso dos órgãos dos sentidos para aproximar o relato do interlocutor, que na maioria das vezes ouvia a narrativa ao invés de lê-la. Além do fato de a maioria da população medieval ser iletrada, a leitura era vista comumente como atividade fatigante, sendo a “literatura” conhecida por meio de recitadores e de pregadores religiosos. (ZUMTHOR, 1993: 55-80). Por exemplo, são abundantes as impressões visuais, olfativas e auditivas, tanto no Inferno e Purgatório quanto no Paraíso. Ouvem-se terríveis gritos de sofrimento, ou cânticos maravilhosos, sente-se um fedor horrível ou aromas agradáveis de flores e árvores frutíferas. Além disso, temos a visão aterradora do inferno escuro e a visão agradável do paraíso envolta sempre num clima aprazível estabelecido num belo jardim, com objetos ricos como o ouro e as pedras preciosas.

O tato também é muito importante nos relatos através das inúmeras torturas vivenciadas pelos pecadores, torturas essas que deformam e dilaceram os corpos, num sofrimento interminável, ao passo que, no Paraíso, as mãos tocam flores, frutos, pássaros, objetos preciosos e o corpo é coberto por vestes brancas. O paladar é igualmente utilizado para enfatizar a oposição Paraíso e Inferno, pois enquanto os seres do Paraíso bebem das águas cristalinas e comem os frutos abundantes, os do Inferno sentem o gosto do enxofre ou são privados de consumir alimentos, como na pintura de Fra Angelico, na qual um dos castigos consiste em impedir os condenados de comer iguarias saborosas postas na mesa à sua frente.

A propósito da abundância alimentar que caracteriza o Paraíso, é interessante lembrar que a sociedade medieval passava por várias crises alimentares. O ápice da felicidade era, então, a obtenção de alimentos de forma contínua e sem a necessidade do trabalho - também considerado um castigo de Deus. A palavra *labor* está ligada a castigo, lembrando *sudor* e *dolor* (DUBY, 1982: 76).

Por isso há uma série de relatos medievais sobre países utópicos, como a Cocanha, onde pudins caíam do Céu e havia rios de vinho (FRANCO JR., 1998). Há também nos textos uma oposição de expressões provenientes de adjetivos (ex: claro/escuro, alegre/triste) ou verbos (cantar/gritar, chorar/sorrir), relacionada aos órgãos dos sentidos, que simplificadamente ficam assim:

Tabela 4

Inferno	Paraíso
Escuridão	Claridade
Fedor	Bom odor
Sufrimento	Deleite. Gozo
Gritos	Cantos

Isso também se dá na iconografia, como no Juízo Final, de Fra Angelico, onde o Paraíso é marcado pela luz e beleza, ao passo que o Inferno é sombrio e representa a dor. Neste sentido, é interessante comparar o primeiro detalhe do Inferno, que se localiza numa montanha escura dividida em cinco níveis, com a claridade e cor que marcam a presença dos anjos, santos, Deus e os eleitos. Além desse apelo aos órgãos dos sentidos, podemos observar que as narrativas de visões possuem uma estrutura comum. Com base na *Poética Estruturalista* de Todorov (CARDOSO, 1997: 43), podemos explicá-las pelo seguinte esquema:

Situação Inicial: um indivíduo é escolhido por uma fada, anjo ou santo para empreender uma viagem rumo ao sobrenatural (o Outro Mundo Céltico, o Paraíso Terreal ou o Além-túmulo)

Perturbação da Situação Inicial: ele parte, normalmente acompanhado por alguns companheiros em viagem marítima. Ou vai sozinho a pé junto com seu guia.

Crise: Dificuldades ou provações enfrentadas pelo eleito (ilhas habitadas por monstros, a sede e a fome e outros tormentos)

Intervenção na Crise: o escolhido atinge o objetivo, chegando ao Outro Mundo, ao Paraíso Terreal ou ao Paraíso Celestial.

Novo Equilíbrio: o escolhido retorna ao ponto de partida e conta para os outros a sua experiência, que serve de exemplo. Muitas vezes após o cumprimento da missão, desaparece ou morre para retornar ao Paraíso.

Conclusão

É possível perceber o caráter ideológico das visões medievais, especialmente a *Visão de Tündalo*, que estudei com mais detalhes dentro do contexto de busca de salvação da alma através de uma viagem. Como demonstrei, os relatos eram produzidos por monges que tinham como principal objetivo um maior controle da sociedade cristã e o modo de agir dos fiéis. A iconografia, que funcionava como um sermão ilustrado, complementava os relatos que eram ouvidos e dava forma visual aos tormentos e alegrias do Outro Mundo, conforme Bosch, com *Os Sete Pecados Capitais* e Fra Angelico com *O Juízo Final*. O objetivo dos relatos e pinturas fica claro: colocar a Igreja como principal intermediária na salvação cristã, negar aos cristãos a possibilidade do contato direto com Deus, como queriam os hereges, apresentar condutas de comportamento vistas como ideais (dar os bens aos pobres e à Igreja, manter a castidade, entre outros) e aterrorizar os cristãos frente ao Além, de forma que os *oratores* continuassem a ditar as normas para as almas atingirem o Outro Mundo.

É possível perceber também nos relatos uma mesma estrutura não apenas na organização da narrativa, como mostrei acima, com base na análise da narrativa de Todorov, mas também na estruturação do espaço. Os *topos* do Além, no caso do Paraíso, se caracterizam por uma paisagem edênica representada por jardins, cânticos, fontes, anjos e árvores frondosas. Já no Inferno, a geografia pressupõe alguns obstáculos, como caminhos marcados por pontes estreitas, rios ferventes, montanhas, lagos de gelo e monstros.

Todos os relatos repetem a estrutura geográfica e narrativa, o que é igualmente representado na iconografia, daí a importância em conjugar o estudo dos *exempla* com o das imagens. Há também igualmente uma matemática do Além nos relatos, que garante o acesso a lugares bons pela quantidade de boas ações ou a lugares maus de acordo com as faltas cometidas, com base nos sete pecados capitais, como apresentei nas visões de São Paulo e de Tündalo. Isso tudo nos remete ao início do texto, levando-me a concluir que a salvação era a preocupação fundamental dos medievos mais pelo pavor do castigo que pelo anseio do Céu. Quanto à atingi-la, representava uma árdua batalha para a alma humana, que se debatia entre o desejo dos prazeres e o terror do abismo infernal.

Bibliografia

Fontes Impressas

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BENEDEIT. *Viaje de San Brandan* (traducción y prólogo de Marie José Lemarchand). Madrid, Siruela, 1995.
- Mabinogion* (ed. de José Domingos Morais). Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- "Visão de Túndalo" (ed. de F. M. Esteves Pereira). *In: Revista Lusitana*, 3, 1895, p. 97-120.
- "Vision de Tindal". *In: Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul. Textes languedocienes du XV siècle*. (Publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Toulouse: E. Privat, 1903, p. 57-119.
- "Vision de Saint Paul". *In: Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul. Textes languedocienes du XV siècle* (publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Toulouse: E. Privat, 1903, p. 121-128.

Obras Citadas

- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (dirs.). *História da Vida Privada 2: Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds.). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BREMOND, Claude. "L'Exemplum médiéval est-il un genre littéraire? I. Exemplum et littérarité". *In: BERLIOZ, Jacques e POLO DE BEAULIEU, Marie Anne (org.). Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1998, p. 21-28.
- BROOKE, Christopher. *O Casamento na Idade Média*. Lisboa: Europa-América, 1989.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- CAROZZI, Claude. *Le Voyage de l'Âme dans l'Au-Delà d'Après la Littérature Latine (V-XIIIème Siècle)*. Paris: École Française de Rome, 1994.
- CAZALÉ-BÉRARD, Claude. "L'Exemplum médiéval est-il un genre littéraire? I. Exemplum et la nouvelle". *In: BERLIOZ, Jacques e POLO DE BEAULIEU, Marie Anne (org.). Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1998, p. 29-42.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

- COPPLESTONE, Trewin. *Vida e Obra de Hieronymus Bosch*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- COSTA, Ricardo e ZIERER, Adriana. "Boécio e Ramon Llull: A Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens". In: FIDORA, Alexander & NIEDERBERGER, Andreas (edit). *Convenit Internacional 5. Boethius and the Middle Ages*. Universität Frankfurt am Main, v. 5, 2000, p. 63 - 70, 2000.
- COSTA, Ricardo e ZIERER, Adriana. "Vida de Macrina: Santidade, Virgindade e Ascetismo Feminino Cristão na Ásia Menor do Século IV". *Revista Phonix*. Rio de Janeiro: Sette Letras/UFRJ, v. 7, 2001, p. 355-370.
- COSTA, Ricardo da. "Por uma geografia mitológica: a lenda medieval do Preste João, sua permanência, transferência e "morte"". In: COSTA, Ricardo da e PEREIRA, Valter Pires (orgs.). *História. Revista do Departamento de História da UFES 9*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2001, p. 53-64.
- COSTA, Ricardo da. "A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (1275), de Ramon Llull".
- COSTA, Ricardo da. "Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final – Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo". In: *Dimensões - Revista de História da UFES 13*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2002.
- DELUMEAU, Jean. *Uma história do Paraíso. O Jardim das Delícias*. Lisboa: Terramar, 1994.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FRANCO JR., Hilário. *Cocanha: A História de um País Imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Gênios da Pintura*. São Paulo: Abril, 1973, 4 vols.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GOMBRICH, Ernest. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- GUREVITCH, Aron. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminho, 1990.
- GUREVITCH, Aron. *Los Orígenes del Individualismo Europeo*. Barcelona: Crítica/Grijalbo, 1997.
- KAPPLER, Claude. *Monstros, Demônios e Encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

- LE GOFF, Jacques. *Mercadores e Banqueiros na Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2 vols, 2002.
- LINK, Luther. *O Diabo. A Máscara sem Rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOYN, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PATCH, Howard. *El Otro Mundo en la Literatura Medieval*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- PRIORE, Mary del. *Esquecidos por Deus: Monstros no Mundo Europeu e Ibero-Americano (Séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: As Minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SIGUL, Francisco. *O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- VAUCHEZ, André. *La Espiritualidad del Occidente Medieval*. Madrid: Catedra, 1985.
- ZIERER, Adriana. "Os Relatos de Viagens Imaginárias ao Além e ao Paraíso Terreal em Portugal". In: *Boletim do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena"*. Araraquara: UNESP, Ano VIII, nº 15, jan-jun. 1999, p. 121-135.
- ZIERER, Adriana. "Modelos da Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro". In: COSTA, Ricardo e PEREIRA, Valter Pires (orgs.). *História. Revista do Departamento de História da UFES*. Vitória: EDUFES, nº 9, 2001, p. 41-51.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz. A "Literatura" Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.